

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Temporada 1999



Beaux
Arts
Trio



Votorantim.
Um nome que se constrói desde 1918.

Temporada 1999



SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Beaux Arts Trio

Menahem Pressler

PIANO

Young Uck Kim

VIOLINO

Antonio Meneses

VIOLONCELO

LEI DE
INCENTIVO
A CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA

apoio
institucional
Prefeitura do
Município
de São Paulo
lei 010923/90

promoção



patrocínio


BankBoston

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

Telefônica



VOLKSWAGEN

VOTORANTIM

The background of the advertisement is a vibrant yellow, overlaid with a pattern of white musical staves. The staves are arranged in a grid-like fashion, with some containing faint, illegible musical notes. The main text is centered and written in a bold, blue, sans-serif font.

Um investimento
da Telefônica
que vai receber
aplausos até da
concorrência.

Patrocínio dos concertos musicais da Sociedade de Cultura Artística.

Telefônica



BEAUX ARTS TRIO

Em seus 44 anos de existência, ao longo dos quais vem conquistando o aplauso do público e a consagração da crítica especializada dos quatro continentes, o Trio Beaux Arts tornou-se referência obrigatória para a interpretação da literatura camerística destinada a Trio com Piano. O conjunto realiza anualmente cerca de uma centena de concertos, apresentando-se sempre nas mais prestigiosas salas de música do mundo, é autor de vasta e premiada discografia, que abrange praticamente todo o repertório relevante escrito para essa formação, e tem contado com intérpretes de currículos não menos do que extraordinários.

A tradição camerística instituída pelo Trio Beaux Arts teve início em 1955, no *Berkshire Music Festival*, hoje conhecido como Festival de Tanglewood, quando os fundadores do conjunto – Menahem Pressler, ao piano, Daniel Guilet, ao violino, e Bernard Greenhouse, ao violoncelo – apresentaram-se oficialmente pela primeira vez. Em 1969, Isidore Cohen substituiu Daniel Guilet, em 1987 o violoncelista Peter Wiley sucedeu Greenhouse, e cinco anos depois Ida Kayatian estrearia com o conjunto, no lugar de Cohen, em duas memoráveis apresentações do Concerto Tríplice de Beethoven, com a Orquestra da *Gewandhaus* de Leipzig regida por Kurt Masur. Essas mudanças na composição do Trio – hoje integrado por Menahem Pressler, Young Uck Kim e Antonio Meneses – têm trazido para dentro do Beaux Arts múltiplas experiências musicais e intérpretes notáveis, o que vem mantendo o altíssimo nível do grupo e consolidando seu patrimônio musical.

A importância do Trio Beaux Arts no cenário musical norte-americano é imensa: há diversos anos o grupo tem-se apresentado regularmente nos principais centros culturais e universitários dos Estados Unidos, em séries anuais de concertos no *Metropolitan Museum of Art* de Nova Iorque e na Biblioteca do Congresso, residência oficial do Beaux Arts, na programação das principais sociedades de música de câmara dos Estados Unidos e do Canadá e nos mais importantes festivais da América do Norte, dentre os quais o *Mostly Mozart Festival* e os festivais de Caramoor, Ravinia e Tanglewood.

Patrocinar cultura
é música para
os nossos ouvidos.

*A Bolsa de Valores de São Paulo tem o orgulho de patrocinar
a Temporada Internacional de 1999 da Sociedade de Cultura Artística.*

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

Nos demais continentes, a presença do Trio Beaux Arts não é menos significativa, já que suas turnês internacionais tornaram-se uma tradição e têm levado o grupo anualmente aos quatro cantos do mundo e aos melhores festivais de música da segunda metade do século XX.

A arte suprema do Trio Beaux Arts inspirou diversos compositores contemporâneos a escrever partituras originais, que o conjunto vem tendo o privilégio de apresentar em primeiras audições mundiais, como por exemplo *Spring Music*, de Ned Rorem, *Summer 1990*, de George Rochberg, e *Roots II*, de David N. Baker. A discografia do conjunto, registrada sobretudo para o selo *Philips*, reúne mais de cinquenta títulos e já foi agraciada com diversos prêmios, dentre os quais um *Prix Mondial du Disque*, três *Grand Prix du Disque*, um *Grammophone Award* de Disco do Ano, um *Stereo Review Award* de Disco do Ano e o Prêmio da Imprensa Musical da Bélgica.

MENAHÉM PRESSLER | PIANO

O pianista, um dos membros fundadores do Trio Beaux Arts, tem-se apresentado como camerista e solista em todos os grandes centros musicais do mundo. Sua precisão e seu profundo conhecimento do piano e da literatura camerística levaram-no a conquistar reputação também como professor, função que vem desempenhando, desde 1955, na Universidade de Indiana, de que é *Distinguished Professor of Music*, e em importantes instituições internacionais de ensino.

O artista projetou-se no cenário musical norte-americano ao conquistar o Primeiro Prêmio do Concurso Internacional de Piano Debussy, de São Francisco, o que o levou, pouco tempo depois, a estrejar ao lado da *Philadelphia Orchestra*, sob regência de Eugene Ormandy. O sucesso de público e os elogios unânimes da crítica rapidamente lhe abriram as portas para recitais na Europa e na América do Norte e concertos com as principais orquestras de Nova Iorque, Chicago, Cleveland, Pittsburgh, Dallas, São Francisco, Paris, Bruxelas, Oslo e Helsinque.

Menahem Pressler estreou como camerista quando da primeira de todas as apresentações do Beaux Arts, no *Berkshire Music Festival* de 1955. Sua atuação nesse conjunto e suas colaborações com outros célebres grupos de câmara – como o Trio de Cordas Pasquier e os Quartetos Juilliard, Emerson, Guarneri, de Cleveland e de Israel – garantiram-lhe o lugar de honra que ocupa entre os grandes cameristas do mundo. A discografia do intérprete reúne mais de cinquenta títulos com o Trio Beaux Arts e cerca de três dezenas de álbuns em que aparece como solista. Natural da cidade de Magdeburg, na Alemanha, Menahem Pressler realizou sua formação musical em Israel, onde viveu por vários anos.

**Não perca
a próxima
atração!**

CONCERTO

GUIA MENSAL DE MÚSICA ERUDITA

(para assinar ligue (011) 535-5518)

YOUNG UCK KIM | VIOLINO

Festejado como um dos grandes violinistas do mundo, Young Uck Kim continua a cativar o público e a crítica como concertista, recitalista e músico de câmara. Coreano natural de Seul, em 1961 ingressou no *Curtis Institute of Music*, onde estudou com o lendário Ivan Galamian, e ao estreiar como solista de concerto, em 1963, com Eugene Ormandy e a *Philadelphia Orchestra*, mostrou ser um dos mais extraordinários talentos de sua geração. Ao longo de mais de três décadas, já se apresentou em recitais nas melhores salas de música do mundo e em concertos com as mais importantes orquestras dos Estados Unidos, da Europa e do Extremo Oriente, sob a regência de maestros como Leonard Bernstein, Christoph Eschenbach, Herbert von Karajan, Erich Leinsdorf, Kent Nagano, Seiji Ozawa, Andre Previn, Esa-Pekka Salonen, Jukka-Pekka Saraste, Leonard Slatkin, Michael Tilson Thomas e Franz Welser-Möst. Paralelamente a suas atividades como recitalista e concertista, o intérprete tem colaborado ainda com artistas como Peter Serkin, Emanuel Ax, Yo-Yo Ma, Previn, Steffan Scheja e Eschenbach, dispensando especial carinho a suas participações em espetáculos de dança e a seu projeto "Violino, Piano e Dança Ocidental". A discografia do artista inclui diversos títulos, dentre os quais se destacam: Coleção Completa dos Concertos para Violino e Orquestra de Mozart, que gravou com Christoph Eschenbach e a *London Philharmonic Orchestra*; Trios de Dvorák, que registrou em parceria com Emanuel Ax e Yo-Yo Ma; e Quartetos para Cordas e Piano de Mozart e Quartetos para Cordas e Piano de Schumann – que realizou com Andre Previn, ao piano, o violista Heiichiro Ohyama e o violoncelista Gary Hoffman.

ANTONIO MENESES | VIOLONCELO

Pernambucano nascido em 1957, em uma família de músicos, iniciou seus estudos de violoncelo aos dez anos de idade. Depois de vencer diversos concursos nacionais, fixou residência na Alemanha, a convite do violoncelista Antonio Janigro, com quem estudou em Dusseldorf e Stuttgart. Em 1977 foi agraciado com o Primeiro Prêmio do Concurso Internacional de Munique e em 1982 conquistou o Primeiro Prêmio do Concurso Tchaikovsky de Moscou. Aclamado por crítica e público como um dos melhores violoncelistas de nosso tempo, Antonio Meneses já se apresentou ao lado das Sinfônicas de Londres e da BBC de Londres, de Viena e da NHK, da Orquestra do *Concertgebouw* de Amsterdã, das Filarmônicas de Nova Iorque, Berlim, Moscou, São Petersburgo, Israel e da Checoslováquia, da Sinfônica de Washington, da *Tonhalle* de Zurique e da *Orchestre de la Suisse Romande*, sob a regência de maestros como Mutti, Jansons, Abbado, Previn, Davis, Bychkov, Blomstedt, Sanderling, Järvi, Albrecht e Rostropovich. Presença constante nos mais prestigiosos festivais de música, desenvolve atividades também como camerista, com o Trio *Beaux Arts* e em colaborações com os Quartetos Vermeer, Amati, Carmina e Casals. A discografia do artista inclui diversos álbuns, dentre os quais se destacam: Concerto Duplo de Brahms (com Anne Sophie Mutter) e *Don Quixote* de Strauss, com a Filarmônica de Berlim regida por Karajan; Concerto para Violoncelo, de Eugène d'Albert, e Obras para Violoncelo e Orquestra, de David Popper, ambos com a Sinfônica da Basileia regida por Zollman; Três Concertos para Violoncelo de Carl P. E. Bach, com a Orquestra de Câmara de Munique; e Integral das Suites para Violoncelo Solo de Bach.

PROGRAMAS

SÉRIE BRANCA

16 de agosto, segunda-feira, 21h

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770 – 1827)

Trio em Mi bemol maior, opus 1, nº 1

Allegro
Adagio cantabile
Scherzo: Allegro assai
Presto

Trio em Si bemol maior, opus 11

Allegro con brio
Adagio con espressione
Allegretto con variazioni

intervalo

Trio em Mi bemol maior, WoO 38

Allegro moderato
Scherzo: Allegro, ma non troppo
Rondo – Allegretto

Trio em Ré maior, opus 70, nº 1 – Fantasma

Allegro vivace e con brio
Largo assai ed espressivo
Presto

SÉRIE AZUL

17 de agosto, terça-feira, 21h

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770 – 1827)

Trio em Sol maior, opus 1, nº 2

Adagio – Allegro vivace
Largo con espressione
Scherzo: Allegro
Finale: Presto

14 Variações para Trio, em Mi bemol maior, opus 44

intervalo

Trio em um movimento, em Si bemol maior, WoO 39

Allegretto

Trio em Mi bemol maior, opus 70, nº 2

Poco sostenuto – Allegro, ma non troppo
Allegretto
Allegretto, ma non troppo
Finale: Allegro

SÉRIE VERDE

18 de agosto, quarta-feira, 21h

Temporada 1999



LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770 – 1827)

Trio em Dó menor, opus 1, nº 3

Allegro con brio
Andante cantabile con variazioni
Menuetto: quasi Allegro
Finale: Prestissimo

**Variações sobre Ich bin der Schneider Kakadu;
em Sol maior, opus 121A.**

intervalo

Trio em Si bemol maior, opus 97 – Arquiduque

Allegro moderato
Scherzo: Allegro
Andante cantabile, ma pero con moto
Allegro moderato

PRÓXIMOS CONCERTOS

QUARTETO VERMEER, cordas

ALEX KLEIN, oboé

30 de agosto, segunda-feira

MOZART: Quarteto em Fá maior, para Oboé e Cordas, K.370

MENDELSSOHN: Quarteto em Ré maior, opus 44/1

REICHA: Quinteto em Fá maior, para Oboé e Cordas

31 de agosto, terça-feira

MOZART: Quarteto em Fá maior, para Oboé e Cordas, K.370

DVORÁK: Quarteto em Mi bemol maior, opus 51

REICHA: Quinteto em Fá maior, para Oboé e Cordas

1 de setembro, quarta-feira

MOZART: Quarteto em Fá maior, para Oboé e Cordas, K.370

SCHUMANN: Quarteto em Lá maior, opus 41/3

REICHA: Quinteto em Fá maior, para Oboé e Cordas

Isso sim é pacote cultural.

ADD

Na promoção da Editora D'Avila você assina **República**, **BRAVO!** ou **Morumbi Fashion**, por 1 ou 2 anos, e ganha outra assinatura de 3 ou 6 meses para dar de presente. Assim você pode oferecer 3 ou 6 edições de **República** ou **BRAVO!**. Ou, ainda, 2 ou 3 edições de **Morumbi Fashion**, que é bimestral. O preço facilita ainda mais o seu acesso a cultura. **República** ou **BRAVO!** por apenas 3x de R\$ 22,00*. Ou **Morumbi Fashion** por apenas 3x R\$ 11,00*. Ligue 0800-14-8090. Se preferir, acesse www.revbravo.com.br ou envie seus dados para assina@davila.com.br. Leve o melhor da cultura para casa. Assine **República**, **BRAVO!** ou **Morumbi Fashion**.

*É a melhor revista cultural do País. Traz informações completas sobre artes plásticas, teatro, dança, música, cinema e literatura. Assine **BRAVO!**, a revista que é um espetáculo.*

*É a revista de gente e idéias. Aborda o mundo de forma inteligente, original e sem preconceitos. Assine **República** e tenha de volta o prazer pela boa leitura.*



*É uma revista de estilo como ainda não se viu no Brasil. Tem tudo sobre moda, beleza, artes, culinária, viagem, lazer. Assine **Morumbi Fashion**, a revista que dita a moda.*

* Válidos para assinatura anual

O TRIO PARA PIANO E CORDAS

No formato hoje conhecido – reunião de teclado, violino e violoncelo –, o Trio surgiu durante o Classicismo do século XVIII. De início, o instrumento de teclado nele utilizado era o cravo, que gozava do favor dos músicos desde o Barroco. Mas, com os crescentes progressos alcançados no fabrico das primeiras gerações de pianofortes e, posteriormente, dos pianos modernos, o cravo acabou por ser destronado de sua posição. E essa formação de difícil equilíbrio sonoro, já que o peso da dinâmica de seus integrantes é desigual, inspirou compositores clássicos, românticos e modernos, sendo assim responsável pelo surgimento de uma verdadeira constelação de obras-primas nesse domínio camerístico.

O primeiro grande gênio a dar autonomia ao Trio com Piano foi Joseph Haydn, que escreveu nada mais nada menos que 45 deles. Nos belos Trios de Haydn, o teclado impera e, em torno dele, gravitam as duas cordas. Do seu contemporâneo mais jovem, Wolfgang Amadeus Mozart, que deu ênfase especial às partes de violino e outorgou maior independência ao violoncelo, herdamos no mínimo 8 partituras incomparáveis.

Foi sobre essa prestigiosa tradição que Beethoven se debruçou para conceber os seus 7 principais Trios com Piano. Dedicou-se ao gênero durante as duas primeiras etapas da sua carreira criativa, entre 1790 e 1816. Emprestou então tanta importância a ele que chegou a transcrever para essa formação uma sinfonia inteira, a Segunda do seu monumental ciclo, além de destinar-lhe séries de variações.

Beethoven desenvolveu consideravelmente o Trio com Piano, conseguindo dar a ele uma dimensão formal quase sinfônica por sua magnitude e um alcance expressivo sem paralelos. Ainda que inicialmente concebidos para a execução privada, tanto a profundidade de sua mensagem quanto o brilho da escritura logo levaram os Trios beethovenianos ao público das grandes salas de concerto.

A primeira contribuição substancial de Beethoven ao gênero encontra-se nos Três Trios *opus* 1 (1793/94). Nesse tríptico inicial, como disse André Boucourechliev, “o autor se apossa de uma linguagem pessoal, ao mesmo tempo em que toma uma posição de distância em relação aos seus predecessores”. Vem em seguida o Trio

OMINT.

UNINDO O MELHOR

DA CIÊNCIA E

DA CONSCIÊNCIA

MÉDICA.

PARA MAIORES INFORMAÇÕES, LIGUE PARA A OMINT:

0800 • 174433 DAS 8:00 AS 20:00 H.



OMINT BRASIL SÃO PAULO • RIO DE JANEIRO • RIBEIRÃO PRETO • CAMPINAS
OMINT ARGENTINA BUENOS AIRES • CÓRDOBA • MENDOZA • TUCUMAN • SALTA



opus 11, de 1798, destinado inicialmente a piano, clarineta e violoncelo. Um contemporâneo do compositor reprovou-o por considerá-lo excessivamente "experimental". As obras seguintes do mestre nessa formação instrumental pertencem à sua "segunda maneira", época na qual ele se afirmou como o mais original músico de sua época. Estão aí os dois amplos Trios opus 70, de 1808/9, e o estelar Trio opus 97, de 1811, que, além do apelido de *Arquiduque*, continua ainda a ser reverenciado como "uma sinfonia em forma de trio".

A extraordinária intervenção de Beethoven funcionou como baliza criativamente sinalizadora para muitos dos artistas que vieram depois dele. Dentre esses encontram-se os nomes de Schubert, Mendelssohn, Schumann, Brahms, Dvorák, Ravel, Fauré, Martinu, Shostakovich e Zimmermann.

SÉRIE BRANCA

Trio em Mi bemol maior, opus 1, nº 1

Essa obra juvenil de Beethoven, ainda que escrita possivelmente antes de 1793, foi publicada com os dois outros Trios da série, em 1795. Conta com quatro movimentos, em vez dos costumeiros três, e tem um *Scherzo* no lugar do convencional minueto. O compositor aí joga com temas fortemente contrastantes e dá aos desenvolvimentos peso e extensão.

Trio em Si bemol maior, opus 11

Composto em 1798, esse Trio foi originalmente destinado a piano, clarineta e violoncelo. Seu movimento inicial é, a um só tempo, virtuosístico e patético. No movimento lento, uma ampla melodia é desenrolada pelo violoncelo. O *finale* consta de cinco variações bastante ágeis, realizadas sobre um tema da ópera *Le Corsaire par Amour*, de Joseph Weigl.

Trio em Mi bemol maior, WoO 38

Publicado postumamente sem número de *opus* (daí a sigla WoO, *Werke ohne Opuszahl*), esse Trio parece ter sido escrito em 1791, se não antes. Ele mostra claramente o jovem Beethoven, de maneira amorosa e feliz, a dialogar com exemplos colocados à sua disposição por Mozart e Haydn.

Trio em Ré maior, opus 70, nº 1 – Fantasma

Para alguns dos seus primeiros ouvintes perceptivos, esse Trio soou revolucionário. Publicado em 1809, ele levou E. T. A. Hoffmann a dizer: "Beethoven traz no

fundo da alma o espírito romântico da música", sabendo se expressar "de maneira simultaneamente genial e refletida". Para esse poeta-músico, a obra "é, em uma linguagem sublime, a expressão de uma alegria serena, proveniente de um mundo desconhecido". Seu apelido, *Geister*, provém do *Largo* medial, que faz referências a um projeto inacabado, destinado a uma cena de feitiçarias do *Macbeth* da versão de von Collin. A grande extensão dos movimentos externos soou sinfônica, à época. E o final da partitura foi visto como uma autêntica afirmação de triunfo.

SÉRIE AZUL

Trio em Sol maior, opus 1, nº 2

Parece ter sido este o primeiro da série *opus* 1 a ser esboçado, ainda em Bonn, portanto antes mesmo de Beethoven ter-se transferido para Viena. Verdadeiro jorro de criatividade juvenil, esse Trio possui, como dados mais marcantes, o tom fantasista do movimento inicial, a beleza já pessoal do andamento lento, o ar alerta do *Scherzo* e a exuberância desabrida do *finale*.

14 Variações para Trio, em Mi bemol maior, opus 44

Esta série de variações sobre um tema original foi esboçada por volta de 1791, em Bonn. Ela só seria completada mais tarde, por volta de 1800, e publicada quatro anos depois – daí o seu número de *opus* relativamente elevado. Algumas das variações são ornamentais, outras, contudo, denotam um trabalho mais aprofundado no que tange ao emprego de figuras sonoras e de diálogos estabelecidos entre os instrumentos em seus registros extremos.

Trio em um movimento, em Si bemol maior, WoO 39

Esse movimento isolado para Trio com Piano, de publicação póstuma, teria sido composto em 1812, época da qual data o *Arquiduque*. O manuscrito foi dedicado à aluna de piano predileta do autor, Maximilliane Brentano. Baseado em dois temas contrastantes mais salientes, esse movimento aborda a forma sonata dentro de um espírito leve, como que descompromissado.

Trio em Mi bemol maior, opus 70, nº 2

Datado do período 1808/9, ele é o mais clássico dos Trios da maturidade de Beethoven. Alguns comentaristas chegam a afirmar ser ele uma tentativa de

voltar à simplicidade de expressão do seu antigo professor Haydn. É uma partitura que torna a ser articulada em quatro movimentos, como os Trios da juventude, mas com uma notável particularidade, a de não contar com um andamento verdadeiramente lento. O movimento inicial, em forma sonata, é aberto por uma introdução à base de cânone, com os instrumentos sendo introduzidos um após outro, uma idéia que ressurgirá mais tarde. O primeiro *Allegretto*, em duas partes, escritas em Dó maior e Dó menor, é elaborado à base de variantes. O movimento que vem em seguida, em Lá bemol, parece reviver a atmosfera de um minueto, já em desuso. O *Allegro – Finale*, por sua volta, soa como uma animada comemoração dançante.

SÉRIE VERDE

Trio em Dó menor, opus 1, nº 3

Os especialistas são unânimes: esta é uma das melhores obras da juventude de Beethoven. Como os dois outros Trios *opus 1*, foi publicado em 1795. Nele tem-se um belo retrato do artista quando jovem, que soube colher no ar a tradição mais viva, a de Mozart e Haydn. O primeiro movimento, em forma sonata sobre dois temas principais, denota uma extraordinária desenvoltura no plano da escrita. O movimento lento contém um belo tema seguido de cinco engenhosas variações. E depois de um minueto que possui o ímpeto de um verdadeiro *Scherzo*, o andamento final, *Prestissimo*, eclode em cores onde um hino meditativo é contrastado com o tema principal, de particular animação.

Variações sobre Ich bin der Schneider Kakadu, em Sol maior, opus 121A.

As dez variações que Beethoven escreveu para Trio com Piano sobre o tema “Eu sou o Alfaiate Kakadu” pertencem ao período de 1815/6, tendo sido publicadas em 1824. O tema é extraído da ópera ligeira *As Irmãs de Praga*, de Wenzel Müller, espetáculo que fez enorme sucesso a partir da sua estréia, ocorrida em 1794. Na época em que as compôs, o mestre de Bonn já era o gênio incomparável, capaz de transformar qualquer banalidade em algo de muito especial e raro. Assim, depois de enunciar o “motivo condutor” em um competente *Adagio assai*, o músico faz com que as variantes enunciem um discurso de arquitetura firmemente estabelecida. Em sua genial organização, às vezes es-

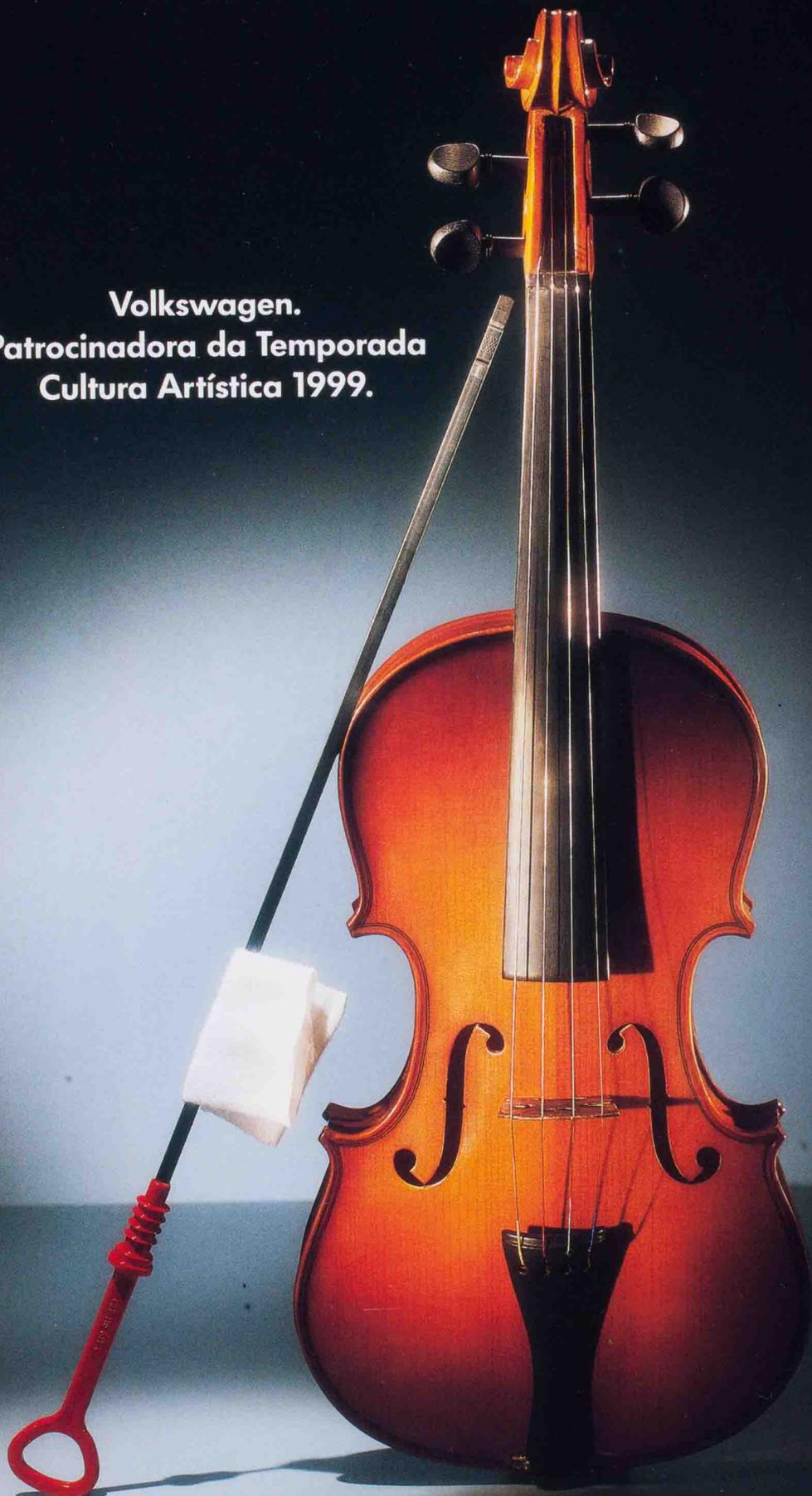
trita, às vezes francamente fantasista, o autor cria uma extraordinária girândola para os ouvintes atentos, que aí sempre localizam audácia, invenção e inesperadas surpresas.

Trio em Si bemol maior, opus 97 – Arquiduque

Esta é uma partitura-chave não apenas da produção beethoveniana como também de todo o domínio da música de câmara da invenção ocidental. Não foi por acaso que recebeu o epíteto de “sinfonia em forma de trio”. É que, dentro dos quadros clássicos do domínio camerístico, Beethoven foi capaz de se expressar através de um discurso de respiração tão ampla – criando um todo formalmente monumental e de expressividade única –, que o próprio gênero viu-se relativizado, graças à profundidade da sua mensagem. Dedicado ao Arquiduque Rodolfo da Áustria, ele foi esboçado em 1810, finalizado no ano seguinte, estreado em 1814 e, finalmente, publicado em 1816. Sua inspiração já foi chamada literalmente de “sublime”. E a imaginação revelada no plano da sua concepção temática, tonal e harmônica foi considerada “digna das maiores obras-primas”, na expressão de Claude Rostand. Durante todo o século XIX, o *Arquiduque* foi tomado como modelo pelos músicos que se aventuraram a escrever para a mesma formação instrumental.

O próprio Beethoven confessou que, no primeiro movimento do *Arquiduque*, havia devaneado em torno da “felicidade e do contentamento”, abrindo espaço, aqui e ali, para “serenas brincadeiras e caprichos”. Depois desse sonoro elogio aos ritmos da vida que é o *Scherzo*, o compositor disse ter imaginado a felicidade se metamorfoseando “em emoção, sofrimento, prece. Considero o *Andante* como o ideal mais elevado da santidade e da divindade. Aqui as palavras não significam mais nada, são apenas más servidas da palavra divina, que a música exprime”. No andamento final, ao combinar as formas do rondó e da sonata, Beethoven deixou expressa a visão polifacetada da própria existência, necessária e imprevisível.

**Volkswagen.
Patrocinadora da Temporada
Cultura Artística 1999.**



PARA O CONFORTO DE TODOS...

Recentemente, recebemos de um de nossos assinantes a cópia de um anúncio que a revista norte-americana *Stagebill* incluiu por algum tempo em suas edições e que achamos interessante reproduzir abaixo.

1. Seja parcimonioso no uso de perfumes. Muitas pessoas são alérgicas ao excesso de aromas.
2. Cuide para que as crianças em sua companhia comportem-se de modo a transformar-se em espectadores maduros e verdadeiros amantes da música.
3. Desembrulhe as balas e caramelos, aliás um ótimo recurso contra a tosse e o pigarro, antes de o espetáculo começar.
4. Por falar nisso, tossir e pigarrear não são atos obrigatórios e que devam ser feitos em coral. Se tiver de tossir ou limpar a garganta, faça-o solitária e discretamente, do modo mais silencioso a seu alcance e, se possível, durante as passagens em que o volume da música seja mais forte.
5. Antes do início do concerto, tenha absoluta certeza de ter desligado todo e qualquer aparelho sonoro em seu poder. Telefones celulares, *paggers*, *bips* e relógios que tocam durante o concerto não constam das partituras.
6. Abstenha-se de falar, murmurar, vocalizar, cantarolar ou marcar o ritmo com os pés durante os concertos. Essas intervenções também não constam das partituras.
7. Não espere o início do concerto para sentar-se; faça-o, se possível, logo após o segundo sinal.
8. O espetáculo tem início quando o *spalla* ou os solistas entram em cena. É nesse momento que as orquestras, os conjuntos de câmara, os solistas e o público encontram sua melhor afinação e sua mais completa concentração.
9. Aviso aos namorados: quando duas cabeças se juntam, o espectador que está atrás perde a visibilidade, que também é prejudicada quando alguém inclina-se para a frente.
10. Por fim, a velha máxima: na sala de concertos, proceda com os outros como você gostaria que os outros procedessem com você.

Muito obrigado.

Para a comodidade do público, a partir deste ano não será permitido fumar no Saguão Superior do Teatro Cultura Artística.

Simply
primeira classe.



BankBoston

Temporada 1999

Abril 15, 16 e 19

Orquestra Sinfônica de Budapeste
Tamás Vásáry, diretor musical e regente
Mstislav Rostropovich, violoncelo

Maio 18, 19 e 20

Les Percussions de Strasbourg

Maio 24, 25 e 26

Orquestra do Século XVIII
Thomas Zehetmair, regente e violino

Junho 8, 9 e 10

Quarteto Beethoven de Roma

Junho 21, 22 e 23

Ricardo Castro, piano

Julho 5, 6 e 7

Orquestra Sinfônica Nacional da RAI
Eliahu Inbal, regente
Roberto Cominati, piano

Agosto 16, 17 e 18

Beaux Arts Trio

Agosto 30 e 31 – Setembro 1

Quarteto Vermeer, cordas
Alex Klein, oboé

Setembro 13, 14 e 15

Vadim Repin, violino
Alexander Melnikov, piano

Outubro 5 e 6 – Sala Júlio Prestes

Orquestra Filarmônica de Viena
Lorin Maazel, regente

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

apoio
institucional

Prefeitura
do Município
de São Paulo
Lei 010923/90

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA